



Da minha língua vê-se o mar da Horticultura

Ao dar as boas-vindas aos distintos sócios correspondentes moçambicanos que se juntam à APH, quero colocar na agenda a Horticultura Lusófona e o reforço da integração das ciências hortícolas lusófonas na comunidade científica internacional.

Língua materna de mais de 215 milhões de falantes nos quatro cantos do Mundo, utilizada por comunidades das diásporas das várias pátrias e aprendida como língua estrangeira por milhões de pessoas, o português é a quinta língua mais falada no mundo e terceira língua ocidental com mais falantes. Esta língua que nos une é determinada e determinante de uma história e de uma cultura comuns, representa uma forma única de estruturar conhecimentos e de transmitir ideias. Veicula mundividências e permite falarmos de uma realidade, múltipla, diversa, mas factual: a Lusofonia.

O título deste editorial usa uma ideia e umas palavras pedidas a Virgílio Ferreira que eu forcei ao acrescentar “da Horticultura”. O Mar, elemento simbólico da união Lusófona, sugere também imensidão. E para transmitir a imensidão da Horticultura na Lusofonia, a imensidão do seu potencial, necessitamos da riqueza da variação fonética, lexical e estilística da língua portuguesa. Só assim podemos apreender, compreender e desenvolver as plantas, as técnicas e os conceitos hortícolas da nossa cultura. Influências recíprocas das horticulturas lusófonas têm sido discutidas em reuniões das nossas Associações, como por exemplo, na conferência inaugural que proferi no 47.º Congresso Brasileiro de Olericultura, Porto Seguro, Baía, Brasil (2007) intitulada “Influência lusa na olericultura brasileira” e na recente (2015) conferência do Prof. Paulo César Tavares de Melo em Lisboa, “Panorama da olericultura brasileira”.

A nossa comunidade cultural que está unida por uma língua de cultura deve ser cultivada. Sem pretensiosismo, sem protecionismo, sem entrincheiramento, sem encerrarmos as nossas mentes nem limitarmos os nossos horizontes e sem saímos do nosso tempo, podemos e devemos promover a comunicação hortícola em português. No pós-galáxia de Gutemberg, no tempo da sociedade em rede, na época em que as ideias circulam rapidamente e evoluem com grande dinamismo, preconizo que a nossa comunidade hortícola lusófona cultive o seu legado cultural e o transforme uma força.

É certo que a ciência tem uma língua franca, hoje o inglês, como outrora o latim. É desejável que assim seja, em nome do universalismo das ideias e da amplitude da transmissão dos conhecimentos. É certo que o pragmatismo dos negócios requer que as partes se entendam. Não defendo restrições, mas preconizo a promoção da cultura das ciências, das técnicas e dos negócios hortícolas no seio da lusofonia, como caso particular do cultivar de relações no seio desta comunidade. Preconizo ainda um intensificar da inclusão dos cultores das ciências e das tecnologias hortícolas nos diferentes países da Lusofonia na comunidade científica internacional, à qual a APH sempre esteve profundamente ligada.

Não se concebem hoje as ciências aplicadas e as técnicas sem uma ligação ao desenvolvimento económico, logo aos negócios, atuais ou por haver. Ao promover a Horticultura Lusófona potenciamos os negócios hortícolas, não só dentro do espaço Lusófono, mas através de parcerias para acesso aos diferentes blocos económicos onde os países lusófonos estão inseridos. **As já relevantes trocas comerciais entre países da Lusofonia – de vinho, azeite, fruta – podem expandir-se e subir na cadeia de valor.**

De língua do pequeno Estado que Fernando Pessoa via como o rosto da Europa jacente nos cotovelos, o português tornou-se património cultural comum de uma vasta comunidade internacional que, na área das ciências, técnicas e negócios hortícolas, se pode reforçar com a juventude e dinamismo da Lusofonia. Sempre me encantou que a cultura, elemento da composição de palavras como horticultura, fosse também a palavra para designar manifestações do espírito ou da civilização.

Termino como comecei, com as calorosas boas-vindas às destacadas personalidades ligadas à Horticultura moçambicana que ajudarão a tornar a nossa Associação mais rica, mais diversa e mais capaz de cumprir um dos propósitos do nosso mandato: promover a Horticultura na Lusofonia. ■

Domingos Almeida

Presidente da APH

presidente@aphorticultura.pt

Sumário

Notícias

Lusoflora regressa a Santarém 26 e 27 de Fevereiro	5
Exposição Internacional de Orquídeas em Lisboa	6
Jardinagem no FUGAS: A Horticultura do PÚBLICO	7
4.º Encontro de Compostagem Doméstica	8

Eventos APH 9

APH na Cidade Europeia do Vinho	9
I Congresso Ibérico de Olivicultura	10
IV Colóquio Nacional de Horticultura Biológica	12

Em Foco - Horticultura na Lusofonia 13

A Horticultura nos países africanos de expressão portuguesa	14
Hortaboa - maior produtor de hortícolas em Moçambique	18
Olericultura brasileira: do descobrimento ao século XXI	22
Maior produtor ibérico de melão investe no Brasil	28
Andorinha- embaixadora do azeite no Brasil	30
Desempenho agronómico e qualidade pós-colheita do melão no distrito de Chókwè	32
Produção de fruta de clima temperado em regiões tropicais e subtropicais	38
Valagro desenvolve Horticultura no Kwanza Sul	39

Entrevista 42

«Devemos criar uma plataforma de desenvolvimento da Horticultura no Espaço Lusófono», Hélder Muteia, representante da FAO em Portugal

Academia Hortícola 46

Escola Profissional Agrícola Conde de S. Bento - 102 anos de ensino

Espaço Sócios 48

A APH aproxima-se da Horticultura Moçambicana	48
Novos Sócios e Sócio Patrono	49
Lusosem é pioneira na valorização do tremçoço como alternativa cultural	50

Agenda 51

Ficha técnica

Revista da APH

(Associação Portuguesa de Horticultura)

Propriedade e edição:

Associação Portuguesa de Horticultura
Rua da Junqueira, 299, 1300-338 Lisboa
Tel. +351 213 623 094

Diretor

Domingos Almeida

presidente@aphorticultura.pt

Editor

Luís Filipe Goulão

revista@aphorticultura.pt

Editora Executiva

Nélia Silva

+351 936 924 694

Carteira Jornalista Profissional N.º 4611
revista@aphorticultura.pt

Colaboraram nesta edição

Ana Cristina Ramos, Arlete M. T. Melo, Aurélio Salvador Macaringue, Augusto Manuel Correia, Carvalho Carlos Ecole, Domício Guambe, Domingos Almeida, Graziela Meister, J. Miguel Costa, José Alcobia, José Chamessanga Álvaro, Luís Goulão, Nelson Manuel Nhavoto, Paula Volanova, Paulo C. T. Melo, Rosa Guilherme.

Design

Musse Ecodesign

ola@musse-ecodesign.pt

Impressão

SIG

Periodicidade

Trimestral

Dezembro / Abril / Julho / Setembro

Tiragem

5.000 Exemplares

Preço capa: 5€

Isenta do Registo na ERC nos termos da alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de Junho.
ISSN: 1646-1290 | Dep. legal: 1566/92

Nota: O conteúdo dos artigos publicados é da inteira responsabilidade dos seus autores. Está proibida a reprodução dos conteúdos desta publicação sem autorização prévia do proprietário.